

Comércio informal complementa renda familiar

Andréa Mesquita

No país do “jeitinho”, as pessoas aprendem a burlar as dificuldades e usam de toda a criatividade para superar a crise econômica. Um exército de assalariados encontrou na economia informal uma forma de complementar seus rendimentos. Utilizando-se de suas próprias casas, abrem concorrência ao comércio local, atraindo consumidores de todos os níveis. São verdureiros, oficineiros, sacoleiras e cabeleireiros que resolveram fazer de suas residências seu lugar de trabalho.

As administrações regionais são responsáveis pela regularização das atividades, que são vetadas se não houver o aval da vizinhança. “Para se obter o alvará são necessários os pareceres positivos da fiscalização de saúde, do Corpo de Bombeiros e da Administração Regional, além da anuência dos vizinhos”, explica Silvia Froener, diretora da Divisão de Licenciamento da Administração de Brasília. Silvia acrescenta que, no caso do Plano Piloto, somente a prestação de serviços é autorizada em residências, a comercialização de bens só é permitida quando não há estocagem do produto ou há entrega a domicílio. “A maioria dos pedidos vem de profissionais liberais que querem oficializar seus escritórios domiciliares”, conta Silvia, que sabe da atuação ilegal de comerciantes, mas afirma não poder fazer nada devido ao pequeno número de fiscais e à concentração de reclamações, de cunho comunitário, recebidas diariamente pela Administração.

FOTOS: LUCIANA BARRETO



Usando a criatividade para driblar a crise e complementar a renda familiar, os assalariados utilizam suas próprias casas e abrem concorrência ao comércio local